

# AS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NO CONTO “PENÉLOPE”, DE DALTON

TREVISAN<sup>1</sup>

## INTERTEXTUAL RELATIONS IN THE TALE “PENÉLOPE”, BY DALTON TREVISAN

Bruno Figueira Ramos<sup>2</sup>

Camila David Dalvi<sup>3</sup>

### RESUMO:

O presente estudo concentra-se na área da crítica literária, com destaque para o gênero conto e tem o objetivo de analisar como operam as intertextualidades no conto “Penélope”, de Dalton Trevisan. Assim, foram utilizados, como mecanismos de análise, o método pesquisa bibliográfica, utilizando-se como base os estudos de Budke (2012), Campelo (2014), Costa (2006), Manesco (2017), Rodrigues (2015) dentre outros teóricos e críticos que sustentam esta pesquisa. Por meio do gênero literário conto, abordou-se a intertextualidade que Dalton Trevisan realiza na narrativa dos dramas de um casal de velhos, na capital Curitiba, que tem sua vida sistemática abalada por uma quantidade de cartas anônimas que geram o ciúme do homem e o suicídio da esposa com a obra clássica de Homero, *Odisséia*, em que há a figura de Penélope, senhora de Ulisses, não só pela denominação do conto e da protagonista, mas também, especificamente, pela simbologia delicada da “fiação” nas relações sociais.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; Conto Contemporâneo; Intertextualidade; Dalton Trevisan.

### ABSTRACT:

This study focuses on the area of literary criticism, with emphasis on the short story genre and aims to analyze how intertextualities operate in the short story “Penélope”, by Dalton Trevisan. Thus, the bibliographic research method was used as analysis mechanisms, using as a basis the studies of Budke (2012), Campelo (2014), Costa (2006), Manesco (2017), Rodrigues (2015) among other theorists and critics who support this research. Through the literary genre short story, the intertextuality that Dalton Trevisan performs in the narrative of the dramas of an elderly couple, in the capital Curitiba, whose systematic life is shaken by a number of anonymous letters that generate jealousy of the man and the wife's suicide with Homer's classic work, *Odyssey*, in which there is the figure of Penelope, mistress of Ulysses, not only for the

1 Trabalho Final de Curso de Graduação em Letras-Literatura EaD do Ifes *Campus* Vitória.

2 Graduando, Ifes *Campus* Vitória, [bruno.figueira.ramos@gmail.com](mailto:bruno.figueira.ramos@gmail.com).

3 Professora orientadora Camila David Dalvi; Doutora em Letras pela UFES, *Campus* Ifes Vitória, [camiladalvi@ifes.edu.br](mailto:camiladalvi@ifes.edu.br)

name of the tale and protagonist, but also, specifically, for the delicate symbology of “spinning” in social relations.

**Keywords:** Brazilian Literature; Contemporary Tale; Intertextuality; Dalton Trevisan.

## INTRODUÇÃO

Desde criança, as pessoas têm acesso aos contos, sejam escritos ou falados, de forma que, por meio deles, o entendimento de mundo e do comportamento humano surge no formato de manifestação textual concisa e bastante rica.

A presente pesquisa se propõe a realizar um exame, do ponto de vista intertextual, entre o conto “Penélope”, de Dalton Trevisan, importante contista contemporâneo e nome de destaque na cena da literatura brasileira, a clássica epopeia “Odisseia” escrita pelo poeta grego Homero, com destaque da sua personagem Penélope.

Assim, conforme destino da exploração, este trabalho toca um conteúdo relativo a condições sociais salientes nas relações conjugais dos tempos modernos e contemporâneos, dado que o costume de classe, demarcado pelo casal de velhos, é retratado na constituição da composição literária objetivo desta análise.

A metodologia utilizada para alcançar a finalidade proposta foi a pesquisa bibliográfica, tendo como fundamento os estudos de Ariane Budke e outros (2012), Janeide Maia Campelo (2014), Sueli Aparecida da Costa (2006), Lara Maria Arrigoni Manesco (2017) e Danielle Santos Rodrigues (2015), dentre outros artigos acadêmicos e teóricos que sustentam esta pesquisa, com a análise da utilização da intertextualidade, similaridades e distanciamentos entre a Penélope de Trevisan e a Penélope de Homero.

## DESENVOLVIMENTO

O conto é um dos gêneros textuais marcado pela narrativa curta, com leitura acessível, mas que exige atenção. Tal gênero textual desperta no leitor o interesse em apreciar a sua leitura, por suas temáticas, em muitos casos, atrativas e sucintas. Sabe-se que a origem do conto é muito antiga e que, no passado, pertenciam à tradição oral, contados na antiguidade entre os povos gregos e romanos.

Dentre os escritores brasileiros que se destacam no conto, está o escritor Dalton Trevisan, autor de diversas obras, com destaque para *Novelas Nada Exemplares*, lançada em 1959 em Curitiba, enunciando dramas de pessoas que se movimentam entre as expectativas de realização e felicidade que a realidade crua e desumana que as frustra e arrasa.

De acordo com Costa (2006), a figura de Dalton Trevisan – contista paranaense – firma, na literatura brasileira, um tempo de reforma do conto, uma importância ao plano multifuncional da linguagem, saborizada com ironia e crítica. Costa (2006) afirma que

O autor que, em seus primeiros livros, se deteve a contos mais longos, como no caso de sua primeira publicação – *Novelas nada exemplares* (1959) – nos escritos mais recentes, caminha para uma redução e elipse da linguagem, incorporando o não-dito, a área do implícito até chegar ao máximo de síntese pela transformação de contos em poemas. (p. 173)

Sobre *Novelas nada exemplares*, Costa (2006) destaca que Trevisan possibilita ao leitor uma visão panorâmica da sociedade curitibana, através de fatos do cotidiano que condicionam o homem. O realiza isso com grande impacto no meio crítico - literário, expondo os pormenores da realidade, as fraquezas e os dramas do homem na sociedade moderna. Assim, Trevisan desnuda “a miséria comum da sociedade, capta momentos singulares e arranca o calvário da vida conjugal e das relações familiares na capital provinciana: Curitiba.” (p. 173).

Souza e Cavalcante (2012) reforçam que, além de expor esse comportamento social peculiar, rude, perverso e animal da natureza humana, Dalton Trevisan escreve, de maneira sintética e direto, abusando da intertextualidade para descrever o contexto do seu ambiente social curitibano.

As relações entre os diferentes textos que se influenciam e trazem presença de elementos formais ou semânticos de textos já produzidos, isto é, referências de outras produções (mais ou menos diretas e visíveis), são definidas como intertextualidade, em que acontece uma referência explícita ou implícita de um texto em outro.

De acordo com Mazzi, “No processo de intertextualidade há uma assimilação de textos que passam a ser elaborados ilimitadamente quanto à forma e ao sentido, criando novas significações (não definitivas).” (2011, p. 25).

A intertextualidade, instrumento literário amplamente utilizado desde os primórdios da escrita, é utilizada sabiamente por brilhantes escritores, aqui, Dalton Trevisan, para a construção de narrativas, contos e histórias magníficas, que despertam a curiosidade, a imaginação e a criatividade no leitor de maneira intensa e emocionante.

Para Souza e Cavalcante (2012):

Trevisan usa esta intertextualidade para amplificar o sentido inverso que pretende sua obra, revelando comportamentos inusitados em seus personagens, que vão desde devaneios sexuais, a degradação física e social destes indivíduos. (p.12)

Já a pesquisadora Rosa (1997 *apud* Souza e Cavalcante, 2012, p.12) destaca que Trevisan, em seus contos, analisa, de forma fulminante e amarga, o mundo das relações humanas com um jeito objetivo e seco que, como uma faca afiada, corta e desnuda, sem piedade, as misérias do cotidiano. Suas personagens atormentam-se e destroem-se, fechadas nos atos banais de uma existência sem sentido.

Para Costa (2006), no conto “Penélope”, a aparente trivialidade da história – que circula ao redor um casal de idosos que tem sua vida regular estremecida por uma sequência de cartas desconhecidas que geram o ciúme paranoico do marido e o suicídio da mulher – se desmancha quando se observa a forma e a construção da linguagem como o escritor apresenta os acontecimentos, criando um clima de expectativa e suspense. Costa identifica que

O autor vale-se do mito de Penélope para reinventar a história por meio do recurso parodístico e criar uma nova história, uma nova situação condizente com os novos tempos e rumos da sociedade e do homem moderno. (2006, p. 175)

Tal intertextualidade comprova as interferências e o diálogo com as narrativas<sup>4</sup> clássicas, como texto fonte, enriquecendo o tema e exaltando a personagem principal, nesse diálogo entre os textos. A criação ou superposição dos contos, na retomada da figura mítica da fiandeira, também aponta para a indagação: de que maneira tal diálogo intertextual com o mito pode ampliar as possibilidades de leitura do conto?

Dessa forma, Campelo (2014) coloca que as pesquisas em literatura comparada<sup>5</sup> ganham ao conceber cada reescrita, com a criação de textos que remetem a outros textos, como verdadeiras criações que, na verdade, são essa relação intertextual, de acordo com Heidmann (2012),

é muito mais que um indicador de filiação ou de fonte. No diálogo intertextual, um motivo ou tema não é somente retomado ou desenvolvido no sentido indicado pelo texto antigo que ele nada faria além de modular. O novo texto desloca, condensa ou inverte o mais frequente dos motivos e sequências referidas nas obras antigas, criando assim, em resposta aos textos antigos, significações diferentes e novas (*apud* CAMPELO, 2014, p. 38).

Outro ponto importante a ser destacado dentro desse contexto é o próprio título do livro *Novelas Nada Exemplares* que faz referência à obra de Cervantes<sup>6</sup>. A partir daí, a narrativa de Trevisan alinhava tramas umas nas outras com as

4 De acordo com os padrões literários greco-romanos pertencentes à Antiguidade Clássica, o referido gênero era representado pelas epopeias, narrativas constituídas por personagens, ação, tempo e espaço.

5 “a literatura comparada se subverte à [sic] si mesma, investigando nexos, analisando contrastivamente e dialogicamente, reconhecendo o imenso mosaico de nossa escritura, num sentido lato da palavra.” (CORRALES, 2010, P. 6)

6 CERVANTES, M. *Novelas exemplares*. Trad. Daryl Nicolana Scorsienchi. Coleção Os imortais da literatura universal, vol. 4. São Paulo: Abril, 1970.

quais ora expande as feridas da crueldade, ora abrevia, sempre expondo o essencial da condição humana e a quebra de condutas e normas sociais apresentadas.

No conto clássico de Homero, Ulisses e Penélope se casaram e ficaram apenas um ano juntos, pois tiveram que se separar com a ida de Ulisses para a Guerra de Tróia. Enquanto Ulisses estava em guerra em terras distantes, o pai de Penélope sugeriu que ela procurasse um novo casamento. Entretanto, Penélope, sendo uma mulher e muito amor e fiel a Ulisses, resolveu esperá-lo o tempo que fosse necessário.

No decorrer de sua longa espera, Penélope foi incomodada por inúmeros pretendentes, pois todos achavam que Ulisses jamais retornaria vivo da guerra. Penélope sempre conseguiu esquivar-se dos homens que a pretendiam, e, sua clássica artimanha de tecer um tela mortália para Laerte, pai de seu esposo foi um destaque da obra literária. Penélope então disse que se casaria quando terminasse a mortália e, durante o dia, diante de todos, trabalhava tecendo, entretanto, à noite, desfazia a tela em segredo.

Já no conto “Penélope” de Dalton Trevisan, o casal de idosos tiveram sua relação estremecida por uma série de cartas anônimas, que chegavam com frequência em seu endereço, sugerindo um suposto adultério da esposa. Numa época onde os costumes patriarcais eram exacerbados, onde o homem saía para trabalhar e a mulher ficava em casa realizando os afazeres domésticos, a esposa também tecia uma tela onde seu marido, conhecedor da história clássica de Homero, pensava, de maneira paranoica, que a esposa estava a tecer em espera do seu amante. No fim do conto de Trevisan, tragicamente, a esposa tecia sua própria mortalha, sendo preparada para o seu suicídio, pois não suportara a desconfiança de seu legítimo amor por seu marido.

As concepções de gêneros, influenciados por Bakhtin, e que estão no centro dos estudos linguísticos e pedagógicos modernos, incorre compreender a língua como dinâmica dialógica ou intertextual. Todos os textos são formados

por outros textos, implícita ou diretamente, que dão oportunidade para novas variações discursivas (PAVIANI, 2011, P.18)<sup>7</sup>.

A autora Manesco (2017) resume bem o ambiente em que se passa o conto de Trevisan, a datar da chegada das cartas: a trama de quietude reflete uma guerra psicológica, imagem de um amor em colapso, cujo afastamento é ainda maior do que o de Penélope e Ulisses, divididos por decênios e oceanos turbulentos:

Não queimou a carta, não a abriu, esquecida na mesa. Sentaram-se sob o abajur da sala, ela com o tricô, ele com o jornal. A dona baixava a cabeça, mordida uma agulha, com a outra contava os pontos e, olhar perdido, recontava a linha. O homem com o jornal dobrado no joelho lia duas vezes cada frase. O cachimbo apagou, não o acendeu, ouvindo o seco bater das agulhas. Abriu enfim a carta. Duas palavras: "Corno manso", em letras recortadas de jornal. Nada mais, data ou assinatura. Estendeu o papel à mulher que, depois de ler, o olhou. Nenhum falou. Ela se pôs de pé, a carta na ponta dos dedos. (TREVISAN, 2009, p. 89)

Para Manesco (2017), embora a desconfiança, o velho consegue ver na companheira, nesse momento pontual, a mesma mulher com quem se unira décadas antes. O passo do tempo parece ter menos efeito sobre a esposa, que permanece com os mesmos olhos azuis e cabelos jovens. Tal divergência pode ser um dos aspectos que reforçam os ciúmes nutridos pelo velho. Não obstante, nessa pausa do embate, a expressão “cabeça querida” diz muito do amor do velho, que lança um olhar doce à parceira e que em breve terá que enfrentar a solidão de não ter uma companhia e o silêncio deixado pela falta do soar de agulhas:

Era um jogo e exibiu a carta: nenhum endereço. Abriu-a, duas palavras, letras recortadas. Soprou o envelope, sacudiu-o sobre o tapete, mais nada. Colecionou-a com a outra e, ao dobrar o jornal, notou que a amiga desmanchava um ponto errado na toalhinha. Acordou no meio da noite, saltou da cama, foi olhar à janela. Afastou a cortina, ali na sombra um vulto de homem. Mão crispada, até o outro ir-se embora. (TREVISAN, 2009, p. 90)

Budke *et al* (2012) destacam o episódio em que a mulher faz e desfaz os pontos da pequena toalha está a tecer. A suspeita do velho e sua constante

<sup>7</sup> PAVIANI, N.M.S. “Leitura e escrita em sala de aula com base nas teorias dos gêneros de textos”. *Conjectura*. V. 16, n. 2, maio/agosto de 2011, Caxias do Sul. Universidade de Caxias do Sul (UCS). Pós-graduação em Educação. P. 13-26. [www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/1192/829](http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/1192/829). Acesso em novembro de 2021.

vigilância sobre a esposa aumenta a cada dia, fazendo-a indagações do passado a respeito de amores e paixões antigas. Todos os dias, o esposo, ao chegar em casa, refazia os passos da mulher, verificando a limpeza dos móveis com os dedos e se a terra dos vasos estavam molhadas, a fim de constatar se ela havia mudado sua rotina.

Em toda trama podem-se perceber as características próprias de Trevisan, em que os dramas sociais são de formas variadas, ora provocando lágrimas, ora risos. O narrador nos dá pistas de que a relação entre os dois está se arruinando, com as suspeitas e desconfianças não declaradas de maneira explícita, sem detalhar qualquer razão mais aparente, criando uma tensão crivada de dúvidas e descobertas.

No entanto, para a surpresa do velho, depois que “a mulher termina a toalhinha e comete suicídio com um tiro da própria arma que ele havia comprado, ainda assim, mesmo depois da morte da velha, as cartas continuam a ser entregues. (BUDKE *et al*, 2012, p. 207). O suicídio da idosa assinala o encerramento de um ciclo, porém não o fim dos tormentos.

Sobre as relações intertextuais com o mito grego, Manesco (2017) afirma que o velho investiga a forma canônica da fidelidade de Penélope. No panorama do homem, a heroína homérica ao ser preparada para usar a talento o ardil do tear, arriscar-se-ia muito bem também ter tapeado a seu marido Ulisses. O idoso capta os matizes da dúvida de Penélope e os usa como evidência contra a própria mulher:

Desde a rua vigiava os passos da mulher dentro de casa. Ela vai encontrá-lo no portão — nos olhos o reflexo da gravata do outro. Ah, erguer-lhe o cabelo da nuca, se não tinha sinais de dente... Na ausência dela, abria o guarda-roupa, enterrava a cabeça nos vestidos. Atrás da cortina espionava os homens que cruzavam a calçada. Conhecia o leiteiro e o padeiro, moços, de sorrisos falsos.

Reconstituía os gestos da amiga: pó nos móveis, a terra nos vasos de violetas úmida ou seca... Marcava o tempo pela toalhinha. Sabia quantas linhas a mulher tricoteava e quando, errando o ponto, devia desmanchá-lo, antes mesmo de contar na ponta da agulha. (TREVISAN, 2009, p. 90)



Costa (2006) destaca que a narração faz um cruzamento com o pensamento do esposo, que, nessa fixação de ciúme, insinua que Penélope não seria tão imaculada assim, como se observa no trecho:

Sábado seguinte, durante o passeio, pensou se apenas ele recebia a carta. Podia ser engano, não tinha direção. Ao menos citasse nome, data, um lugar. Empurrou a porta, lá estava: azul. No bolso com as outras, abriu o jornal. Voltando as folhas, surpreendia o rosto debruçado sobre as agulhas. Toalhinha difícil, trabalhada havia meses. Recordou a legenda de Penélope, que desfazia de noite, à luz do archote, as linhas acabadas durante o dia e assim ganhava tempo de seus pretendentes, à espera do marido. Calou-se no meio da história: ao marido ausente enganara Penélope? Para quem a mortalha que trançava? Continuou a estalar suas agulhas após o regresso de Ulisses? (TREVISAN, 2009, P. 90)

Para Manesco (2017) o ciúme do idoso torna-se paulatinamente neurose. Ele passa a olhar e a seguir a esposa, entendendo seus rastros nas tarefas domésticas e têxteis, memorizando o ritmo de suas laçadas e regulamentando seu corpo. Como Penélope, ele passa a medir o tempo por meio da toalhinha, não para presumir a sinceridade, mas para impor a fidelidade à esposa, graças ao zelo constante. A paranoia assume um nível tão grave que ele compra um revólver:

Sem prova contra ela, nunca revelou o fim de Penélope. Enquanto lia, observava o rosto na sombra do abajur. Ao ouvir passos, esgueirando-se na ponta dos pés, espreitava à janela: a cortina amarrotada pela mão raivosa.

Afinal comprou uma arma. "Para que o revólver?" — espantou-se a companheira. Ele referiu o número de ladrões na cidade. Exigia conta de antigos presentes. Não faria toalhinhas para o amante vender? No serão, o jornal aberto no joelho, vigiava a mulher — o rosto, o vestido — atrás da marca do outro: ela errava o ponto, tinha de desmanchar a linha. (TREVISAN, 2009, p. 90)

Manesco (2017) faz uma analogia simbólica e afirma que o revólver indica o desequilíbrio do homem, que, tomado pelo ciúme, passa a perseguir a esposa e dá início a comportamentos, que diríamos, até “racionais”, diante dos indícios de adultério que vinham nas palavras e frases das cartas anônimas. O velho espera o amante na varanda, certo de que pegaria a esposa em flagrante. Guarda as texturas e os cheiros com a finalidade de controlar o ambiente que

circunda a mulher. No trecho abaixo extraído do conto, podemos constatar os comportamentos de desconfiança do marido:

Aguardava-o na varanda. Como se não a conhecesse, passava diante da casa. Na volta, sentia os cheiros no ar, corria o dedo sobre os móveis, apalpava! a terra das violetas — sabia onde a mulher estava.

De madrugada acordou e viu o travesseiro vazio, ainda quente da outra cabeça. Sob a porta, uma luz na sala. Fazia seu tricô, sempre a toalhinha. Era Penélope desfazendo na noite o trabalho de mais um dia?

Erguendo os olhos, a mulher deu com o revólver. As agulhas batiam, sem qualquer fio. Jamais; soube por que a poupou. Assim que se deitaram, ele caiu em sono profundo. (TREVISAN, 2009, p.90)

A presença da arma de fogo no conto é a materialização do ciúme extremo do marido e a ferramenta trágica utilizada pela esposa em sua morte. Mais uma vez, as características do machismo extremo é caracterizado no conto de Trevisan.

Em diversos momentos do conto, Budke *et al* (2012) destacam que é possível notar a intertextualidade – retomada do discurso de outro – e a intratextualidade – retomada do próprio discurso – que o cronista promove com a personagem Penélope, mulher de Ulisses presente na história heróica denominada *Odisseia*, outorgado ao poeta grego Homero. A intertextualidade identificada no título do conto e também pela simbologia da fiel Penélope, esposa de Ulisses, em rebatida com a personagem de Dalton Trevisan que, hipoteticamente, endereça à infidelidade. Kronka ratifica, nos seguintes trechos, o fato inquestionável de Trevisan utilizar-se da intertextualidade em seus contos:

[...] com Dalton Trevisan não é diferente, ele valida suas idéias e firma suas críticas embasando-se em textos já difundidos e reconhecidos pela sociedade. É o que acontece com seu conto. Penélope, em que ele aproxima a personagem da sua narrativa à personagem Penélope da outra narrativa, *A Odisseia*, valendo-se da candura e do mito que cerca essa segunda personagem para ressaltar a primeira [...]

É da intertextualidade entre o texto de Trevisan e de Homero que se pode perceber e discorrer sobre as estratégias irônicas adotadas pelo enunciatador da narrativa trevisaniana, pois esse enunciatador vale-se do

mito para reinventar a sua Penélope “moderna” (KRONKA, 2009, p.39 *apud* BUDKE *et al*, 2012, p. 208).

Tavares (2021) identifica que no universo do contista a veracidade é usualmente apresentada em uma sociedade de marca predominantemente machista, seja pela luz masculina, seja pela subserviência feminina. Nesse desenho, a comunhão com o outro é sempre uma guerra, na qual os papéis de vítima e tirano estão em incessante permutação.

Para Tavares,

O homem é submetido pela sociedade ao seu papel de “macho” e, impedido de se desvencilhar, torna-se escravo do seu próprio status. Para fazer frente a esse papel, uma vez dentro da relação de poder, o próprio homem “procura” alguém a quem possa vitimar, submetendo então a mulher, seu próximo. (2021, p.9)

Na narrativa de Homero, Penélope, como esposa fiel, busca todas as estratégias para se manter a Ulisses. Já Trevisan remete à infidelidade em contradição para se posicionar, crítica e ironicamente, face à realidade moderna, em que a fidelidade, o amor verdadeiro e a força de vencer os obstáculos são distorcidos pela desconfiança, pela traição e pela fraqueza do suicídio de Penélope que, no conto, termina o seu trabalho de tecer e decidir, por si só, o seu desfecho trágico. O conto de Dalton representa assim a figura feminina dos anos 50, em que a mulher tinha seus ideais reprimidos, com sentimento de busca da liberdade da sociedade fortemente patriarcal.

Sobre o conto “Penélope”, Budke *et al* (2012) afirmam que Trevisan criou uma personagem – a velha – da década de 1950 num período em que a mulher exercia a função de “dona de casa”, sendo privilégio apenas uma pequena parcela rica de mulheres da sociedade brasileira a terem acesso às tecnologias do mercado que pudessem oferecer luxo, praticidade e conforto à vida doméstica. O conceito feminino da época, está amarrado aos ideais de dona de casa, esposa e mãe: esposa, mãe e dona de casa:

O modelo normativo da mulher de interior foi construído no século XIX [...] Tanto quanto uma condição social, a mulher do lar moderna é uma moral, uma visão normativa da mulher, uma religião leiga da mãe de família.

O aspirador de pó, a máquina de lavar, o fogão a gás, o refrigerador, a alimentação em conserva são saudados pela publicidade como instrumentos libertadores da mulher. Ao mesmo tempo, os produtos cosméticos são vendidos como meios capazes de conservar a juventude e a vida do casal. De agora em diante, o consumo, a juventude e a beleza constituem as novas obrigações da mulher do lar. Naturalmente, o ideal da boa esposa e mãe não desaparece de modo algum, mas a retórica sacrificial que o acompanhava até então encontra-se mascarada pelas normas individualistas do bem estar e da sedução (LIPOVETSKY, 2000, p. 210-211 *apud* BUDKE *et al*, 2012, p. 213).

Budke *et al* (2012) notaram, no conto de Dalton Trevisan, algumas características patriarcais na experiência da Penélope do Homero e na personagem da idosa, pelo fato dela somente sair junto do marido e estar sempre em casa fazendo atividades domésticas.

Como na cultura patriarcal os homens não admitem traição, visto que era gratificante e honroso o homem dar a um lar a qualidade de casto, o velho, com a desconfiança de infidelidade por parte de sua esposa, teve como justo a morte da mesma, como se tivesse lavado a honra com sangue. (2012, p. 215)

As influências intertextuais, conforme Costa (2006), constataam que no conto, “Penélope” é uma fiandeira, que passa a bordar sua própria mortalha, definindo quando o trabalho terminará e, por fim, dar-lhe um basta nas amarguras causadas por seu marido, determinando, assim, o momento de sua morte. “E é por ser uma fiandeira que ela embaralha a vida do marido, pois ele estará condenado ao remorso e à culpa por seu suicídio.” (p. 179).

Saiu de casa, como todo sábado. O braço dobrado, hábito de dá-lo à amiga em tantos anos. Diante da vitrina com vestidos, alguns brancos, o peso da mão dela. Sorriu com desdém da sua vaidade, ainda morta...

Os dois degraus da varanda — “Fui justo”, repetia, “fui justo” —, com mão firme girou a chave. Abriu a porta, pisou na carta e, sentando-se na poltrona, lia o jornal em voz alta para não ouvir os gritos do silêncio. (TREVISAN, 2009, p. 91).

Porém, Budke *et al* (2015) destacam que, mesmo depois do falecimento da esposa, as cartas desconhecidas continuaram a chegar, demonstrando o tamanho da injusta desconfiança do marido em relação à sua mulher, levando-a a um estado tão depressivo e angustiante ao ponto de se matar. “A Penélope ‘moderna’ de Trevisan não tece somente o seu destino, mas também o de seu esposo, visto que o condena ao remorso e à culpa por seu suicídio.” (BUDKE *et al*, 2012, p. 215). Para Budke *et al* (2015),

À velha, restou a tentativa de libertação de um casamento que trazia tristeza e a resposta para uma sociedade que pregava o adultério como a falta mais grave contra a pureza pregada no matrimônio, adultério esse que fica evidente não ter ocorrido por parte da senhora. (p. 216)

O crítico Rodrigues (2015) salienta que, dentre os caminhos escolhidos pela temática do suicídio no conto brasileiro contemporâneo, destacam-se as narrativas que lançam sobre o tema questionamentos, fazem reflexões filosóficas e existencialistas sobre o ato de matar-se.

Para Rodrigues (2015),

Alguns contos assumem tom professoral, elucidam a nós leitores, humanizam o suicida – suavizando os preconceitos socioculturais que pairam sobre o assunto – outros nos inquerem incisivamente, provocando-nos, inquietando-nos. Há ainda os que se constroem pela ironia e pelo sarcasmo, o suicídio alcança o absurdo fazendo florescer críticas profundas sobre a realidade. (p. 96)

Para Budke *et al* (2012), Penélope de Homero sofre o processo catártico quando avista que seu amado marido retornou depois de vários anos. Na epopeia, a dama passou um longo tempo enganando seus pretendentes, sob dias angustiantes e de muito choro. Porém, a felicidade retornou quando finalmente pode estar nos braços de seu amado marido guerreiro novamente. Dessa maneira, Budke *et al* (2012) sublinham:

O velho apresenta desconfiança em relação à esposa que acaba por afastá-lo para sempre da mulher. A predominância da desconfiança e do ciúme incontrolável fazem com que a morte prevaleça sobre a vida, e em meio a essa trama as cartas anônimas representam a semente da desconfiança plantada no coração do velho, semente essa que o deixou cego. (p. 217)

Ao apreciar os contos de Dalton Trevisan, é preciso identificar as relações intertextuais nos diálogos que os textos fazem entre si.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A intertextualidade é utilizada por Trevisan, com grande maestria e habilidade, ao dialogar a Penélope do poema *Odisseia* com a “Penélope”, representada pela mulher de idade avançada em seu conto. O escritor utilizou, no título do conto, o nome da personagem que tecia para esperar o seu marido retornar da guerra para narrar uma relação cotidiano de um casal que, por meio da desconfiança do marido, levou a mulher a tecer a própria mortalha utilizada após o seu suicídio.

Trevisan coloca em “xeque” todos os sentimentos e comportamentos positivos que são idealizados em um casamento, como o amor e a fidelidade. Ao desnudar os bastidores, que somente vêm a tona para toda a sociedade quando uma tragédia de fato é consumada, revela-se todas as mazelas, como a desconfiança, traição e morte podem estar sendo alimentadas em relações conjugais, aparentemente saudáveis e felizes.

“Penélope” configura-se, pois, um roteiro desastroso e repleto de nuances de ansiedade da deterioração amorosa e humana. Ao passo que os demais miravam para a expectativa, ora no amor ora na independência. Em “Penélope”, a única caminhada possível para a mulher é o suicídio, pois está numa posição completamente submissa ao marido obsessivo por um amante e traição inexistentes.

A velhice encontra-se em conflito com o que representa de vulgar e deteriorante para uma sociedade desenvolvida e supressora. A idade, em Dalton Trevisan, configura-se como terra de combate e discussões, em nada lembrando o paradigma da sabedoria, difundido pela sociedade tradicional.

Assim, percebemos que as marcas da cultura patriarcal são explícitas, na maneira como o esposo, após a morte de Penélope no conto, sente seu espírito lavado, conquanto não sendo ele o encarregado direto da morte. O homem sentiu senso de justiça sem piedade. No fim, sentia-se acusado pela voz da consciência, que constantemente registra em suas memórias que foi o responsável pela tragédia ocorrida com sua mulher. Além disso, as cartas anônimas continuaram a chegar, as mesmas que fizeram surgir o seu ciúme doentio e um comportamento vigilante dos passos da esposa, que levava a cometer suicídio pela angústia de ser acusada adúltera sendo inocente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, R. **Conto popular, literatura e formação de leitores**. Revista Releitura, Belo Horizonte, 2007.

BUDKE, A. CONRADO, A. E SOERENSEN, C. **SIMILARIDADES E DISTANCIAMENTOS ENTRE A PENÉLOPE DE HOMERO E A PENÉLOPE DE TREVISAN**. Travessias; Vol 6, N°1. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

CAMPELO, J. M. **Esperando Ulisses: o mito de Penélope à luz da comparação diferencial e discursiva**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orientador: Prof. Dr. Márcio Venício Barbosa. UFRGN, 2014.

CERVANTES, M. **Novelas exemplares**. Trad. Darly Nicolana Scornsienci. Coleção Os imortais da literatura universal, vol. 4. São Paulo: Abril, 1970.

COSTA, S. A. **“PENÉLOPE”: UM MITO ÀS AVESSAS**. Vol. 2. N° 3. Revista Trama, 2006.

CORRALES, L. **A INTERTEXTUALIDADE E SUAS ORIGENS**. SEMANA DE LETRAS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Rio Grande do Sul, 2010.

MANESCO, L. M. A. **Para Além de Penélope: a tessitura mítica e intertextual em contos da literatura brasileira**. Orientadora Cleusa Rios Pinheiro Passos. - São Paulo, 2017. 180 f.

MAZZI, M. G. C. **INTERTEXTUALIDADE E PARÓDIA**. Revista Araticum. v.3, n.1, 2011.

PAVIANI, N.M.S. **“Leitura e escrita em sala de aula com base nas teorias dos gêneros de textos”**. Conjectura. V. 16, n. 2, maio/agosto de 2011, Caxias do Sul. Universidade de Caxias do Sul (UCS). Pós-graduação em Educação. P.



13-26. [www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/1192/829](http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/1192/829). Acesso em novembro de 2021.

PORTELA, Girlene Lima. **Da tropicália à marginalia: o intertexto na produção de Caetano Veloso**. Feira de Santana (BA): Editora da Universidade Estadual de Feira de Santana, 1999.

RODRIGUES, D. S. **O suicídio no conto brasileiro contemporâneo**. Dissertação (mestrado em Letras)– Universidade Federal de Sergipe. Orientadora Josalba Fabiana dos Santos. – São Cristóvão, 2015. 111f.

SOUZA, N. S. E CAVALCANTE, E. E. B. **DIÁLOGO INTERTEXTUAL ENTRE OS CONTOS “COLHEITA” E “PENÉLOPE”**. Anais do 3º SILIC – Simpósio de Literatura Brasileira contemporânea O regional como questão na contemporaneidade: olhares transversais UNIR – Vilhena, RO, Brasil, (2012).

TREVISAN, D. **Novelas nada exemplares**. 7 ed. Record: Rio de Janeiro, 2004.

TAVARES, M. **O TERRITÓRIO DA VELHICE EM DALTON TREVISAN**. Anuário de Literatura, v. 26. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2021.

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Bruno Figueira Ramos

### **AS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NO CONTO 'PENÉLOPE', DE DALTON TREVISAN**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de ARTIGO, apresentado à Coordenadoria do Curso Superior de Licenciatura em Letras-Português, na modalidade EAD – do Instituto Federal do ES – IFES -Campus Vitória – ES, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras-Português.

Aprovado em 02 de Dezembro de 2021.

#### **COMISSÃO EXAMINADORA**

**Dra. CAMILA DAVID DALVI**

**Orientadora**

**Dra CINTHIA DA SILVA BELÔNIA**

**Membro da banca**

**Dr NELSON MARTINELLI FILHO**

**Membro da banca**

**Observação: As assinaturas da Comissão Examinadora estão na ATA FINAL, anexada ao ARTIGO, abaixo desta Folha de Aprovação. No Curso de Letras EAD, partir de 2020.1 (Covid), o orientador assina por todos os membros da banca.**

**LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS - EAD**

**ATA DE APRESENTAÇÃO E ARGUIÇÃO ORAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - FINAL**

Aos dois dias do mês de dezembro de 2021, reuniu-se pela web a Banca Examinadora composta pelos professores que assinam esta ATA, para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Letras/EAD intitulado “AS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NO CONTO ‘PENÉLOPE’, DE DALTON TREVISAN”

de autoria do aluno BRUNO FIGUEIRA RAMOS.

A presidente da banca examinadora, professora orientadora, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares da apresentação do TCC, passou a palavra para o estudante, para a apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do estudante. Logo após, os examinadores se reuniram, sem a presença do estudante e do público, para julgamento e expedição do resultado. Todos os membros da banca emitiram pareceres por escrito para entregar ao orientador que encaminhará ao estudante. Finalizada a análise da Banca Examinadora, o TCC do aluno foi considerado:

( ) APROVADO<sup>1</sup> - 80 a 100 pontos

( X ) APROVADO COM RESTRIÇÃO<sup>2</sup> – 60 a 75 pontos – NOTA: 70,00

( ) SEM MENSURAÇÃO DE NOTA<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Atendeu aos objetivos de TCCII, mas o (a) aluno (a) deverá fazer as revisões solicitadas pela banca, antes do registro da nota no AVA (7 dias). Os pareceres dos membros da banca servirão de orientação aos alunos.

<sup>2</sup> Refazer capítulos, citações, incoerências metodológicas, trabalho incompleto (10 dias). Os pareceres dos membros da banca servirão de orientação aos alunos.

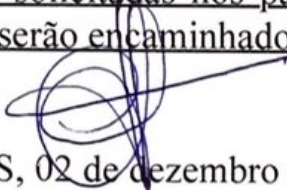
<sup>3</sup> Trabalho insuficiente. Refazer toda estrutura do trabalho, pois não atendeu aos objetivos da disciplina de TCCII. O aluno deverá se orientar pelos pareceres de cada membro da banca e reestruturar todo trabalho em 30 dias, e enviar cópia do novo trabalho ao orientador e à profa formadora de TCCII, que vão reavaliar o trabalho e atribuir nota.

**O resultado foi comunicado publicamente ao estudante pela Presidente da banca. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada e foi lavrada a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da banca avaliadora.**

**Titulação e nome completo dos membros da banca:**  
**Professora orientadora Dra CAMILA DAVID DALVI**  
**Professora Convidada Dra CINTHIA DA SILVA BELÔNIA**  
**Professor Convidado Dr NELSON MARTINELLI FILHO**



**OBSERVAÇÃO:** - Em todos os casos pendentes, o orientador acompanhará a reescrita do trabalho e só postará nota após emitir um relatório (anexo à ATA), certificando que o trabalho atendeu a todas as mudanças solicitadas nos pareceres dos membros da banca. A ATA e o Relatório serão encaminhados à Secretaria do Curso de Letras.



Vitória, ES, 02 de dezembro de 2021.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CAMPUS VITÓRIA  
Avenida Vitória, 1729 – Bairro Jucutuquara – 29040-780 – Vitória – ES

**CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS – EAD**

Disciplina: Trabalho de Conclusão de Curso II – TCC II

Profa Formadora: Dra Maria Madalena Poletto

**RELATÓRIO – DEFESA DE TCCII – 2021.2**  
**APROVAÇÃO COM RESTRIÇÃO OU SEM MENSURAÇÃO DE NOTA**

Declaro para fins de comprovação junto à ATA DE DEFESA DE TCCII - 2021.2, que realizei orientação acadêmica do aluno abaixo relacionado

**BRUNO FIGUEIRA RAMOS**

E que o referido (a) aluno (a) foi:

**( X ) APROVADO COM RESTRIÇÃO – 60 a 75 pontos - NOTA: 70,0**

E para cumprir as instruções presentes na ATA DE DEFESA DE TCCII – 2021-2, assino este Relatório, comprovando que o referido aluno – **APROVADO COM RESTRIÇÃO - REESCREVEU o artigo, no prazo de 10 dias, de acordo com os pareceres dos membros da banca**, enviados ao aluno após a defesa do seu TCCII realizada na data de 02 de dezembro de 2021.

Vitória, 20 de janeiro de 2022

**PROFESSOR (A) ORIENTADOR (A) DE TCCII – 2021.2**

.....